

A PEDAGOGIA VAI AO PORÃO: NOTAS CRÍTICAS SOBRE AS ASSIM CHAMADAS “PEDAGOGIA EMPRESARIAL” E “PEDAGOGIA EMPREENDEDORA”

Alessandro de Meloⁱ

Luciani Wolfⁱⁱ

RESUMO

O artigo reporta-se a um exame crítico das chamadas “Pedagogia empresarial” e da “Pedagogia empreendedora”, representantes de uma teoria educativa conservadora, privatista e adaptacionista, mas que vem ganhando destaque nos currículos dos cursos de Pedagogia ou mestrado em Educação, bem como nas ofertas, públicas e privadas, de cursos de Especialização. O argumento apresentado pelos autores destas correntes aparece como receitas práticas para a solução de problemas, seja para a carreira do profissional da Pedagogia, seja para os indivíduos isoladamente. Ambas possuem em comum a defesa, direta ou indireta, do ideário neoliberal de responsabilização individual pelas questões sociais, e o faz seguindo a receita do senso comum, sem, portanto, uma discussão teórica e consistente da realidade social ou do mundo do trabalho. São enfatizadas as ideias centrais das pedagogias empresarial e empreendedora, a partir da análise de livros e artigos de autores que defendem essas ideias e, assim, busca-se trazer à tona as contradições inerentes às mesmas no confronto com a realidade social, com a qual deve se haver as teorias críticas em educação, visando a transformação social e, ao mesmo tempo, uma formação emancipatória.

Palavras-chave: Pedagogia Empresarial, Pedagogia Empreendedora, Educação e Trabalho, Curso de Pedagogia.

THE PEDAGOGY GO TO THE BASEMENT: CRITICAL NOTES ON THE CALLED "BUSINESS EDUCATION " E "ENTREPRENEURIAL PEDAGOGY"

ABSTRACT

The article refers to a critical examination of the called "Business Pedagogy" and "Entrepreneurial Pedagogy", representatives of a conservative, privatizing and adaptationist educational theory, but that is earning prominence in the Pedagogy curriculum or master's degree in Education, as well as in the offerings, public and private, in the specialization courses. The argument presented by the authors of these currents appears as practical recipes to solve problems, be to the career of the Pedagogy professionals, be to individuals alone. Both have in common the defense, directly or indirectly, of the neoliberal ideology of individual responsibility in the social issues, and do it following the recipe of common sense, without, therefore, a consistent theoretical discussion of the social reality or of the world of work. Are emphasized the central ideas of the business and entrepreneurial pedagogies, by analysing books and articles of authors who defend these ideas and thus we search to bring out the contradictions inherent to them in the confrontation with the social reality with which we should have critical theories in education, aimed the social transformation and, at the same time, an emancipatory education.

Keywords: Business Education, Entrepreneurial Pedagogy, Education and Work, School of Education.

1. INTRODUÇÃO

O título do artigo, “A pedagogia vai ao porão” é uma provocação para o debate sobre determinadas correntes que se denominam como empresarial e empreendedora. O adjetivo impresso no título tem algumas razões de ser: estas pedagogias não apresentam um cabedal teórico consistente, ficando na melhor das hipóteses, no nível do senso comum, ou, então reproduzindo argumentos pseudocientíficos, com os quais procura seduzir seus leitores. Criou-se uma espécie de sublitteratura pedagógica que, se por um lado, vende livros de forma razoável, como o caso mais conhecido de Fernando Dolabela e sua pedagogia empreendedora, por outro lado não avança em nada no que se refere ao campo teórico da Pedagogia.

Em geral esta gama de textos aparece como receituário prático para a resolução de problemas ou prescrições de como e o que fazer. Neste sentido aproximam-se muitas vezes do que já é fortemente conhecido como literatura de “auto-ajuda”, com caráter pedagógico. Apesar disso não é possível menosprezar o alcance das ideias vinculadas pelas pedagogias empresarial e empreendedora, afinal de contas é cada vez mais palpável a sua presença nos cursos de Pedagogia e nas ofertas de cursos de Especialização. Seria uma discussão a parte compreender as razões de aceitação acrítica destas “pedagogias” pelos profissionais da educação.

Outra característica marcante deste campo é a capitulação total e irrestrita ao ideário burguês, tanto no que se refere à organização das empresas quanto à concepção de formação humana para a sociedade atual. Em ambos os casos, ou seja, na pedagogia empresarial e na pedagogia empreendedora, o que ocorre é um processo ideológico de naturalização das relações sociais e, no interior destas, das relações produtivas inerentes ao capitalismo. Não existe nos autores estudados uma centelha de crítica ao processo de alienação, de precarização do trabalho, de exploração, enfim, processos que são típicos do capitalismo. Ao contrário, o esforço parece ser o de convencer os leitores de que o cenário das empresas e do mercado de trabalho é um dado natural e, por isso, a única atitude correta é adaptar-se da melhor maneira possível, seja dentro da empresa, seja na luta por uma vaga no mercado de trabalho, seja na consecução do próprio negócio.

Apesar de terem este conjunto de semelhanças de fundo, existem claras diferenças quanto aos conteúdos de cada uma das propostas. A Pedagogia Empresarial, numa discussão corporativista, visa abrir um campo de atuação para os pedagogos nas empresas, desconhecendo, ou fazendo invisível em suas propostas, que o funcionamento do mercado se regula por princípios de maximização dos lucros e economia de recursos, sendo a abertura de postos nas empresas dependente destes princípios.

O intuito das propostas da pedagogia empresarial é reforçar a tese de que o pedagogo tem um papel de formar os trabalhadores segundo as necessidades produtivas específicas da empresa, ou seja, um profissional cujo papel é tornar mais eficiente o processo de extração de mais-valia e, logo, o processo de exploração dos trabalhadores.

A pedagogia empreendedora, por sua vez tem um alcance ideológico mais amplo, ao reforçar a tese tão difundida pelo neoliberalismo, de responsabilização individual. O que está em jogo neste caso é uma concepção de sociabilidade, de relações humanas e do que é o ser social, que elimine a crítica e a responsabilização do sistema capitalista, em si gerador das mazelas sociais a que estão submetidos os indivíduos. Livra-se da crítica o sistema ao colocar no centro da “culpa” cada um de nós. Ao reforçar esta tese, nos parece,

a pedagogia empresarial não é mais que ideologia, e, ainda uma ideologia de senso comum, sem a qualidade dos clássicos do liberalismo.

Ao longo do texto serão focadas as principais ideias da pedagogia empresarial e empreendedora, tendo como referência a totalidade das relações em que esta discussão se encontra, como até aqui foi articulado. Faz-se urgente que a Pedagogia supere tendências como as acima enunciadas, para firmar-se como ciência da educação, e para isso é necessário à crítica radical, que aqui está apenas esboçada e a exigir novos estudos.

2. A PEDAGOGIA EMPRESARIAL

O termo pedagogia empresarial foi empregado pela primeira vez no início da década de 1980, devido ao surgimento de alguns cursos universitários sobre o tema, diga-se de passagem, na mesma época em que o construtivismo começa a ganhar incentivo dentro da educação brasileira, pela influência de Emilia Ferrero (KLEIN, 2008). No princípio seu enfoque era no treinamento dos empregados nas organizações empresariais, que envolviam cursos, projetos e programas, o que foi se aperfeiçoando no decorrer do processo, tendo em vista a preocupação das empresas em alcançar maior produtividade, para o que era necessário construir equipes comprometidas com a educação a ser desenvolvida dentro das organizações.

Preocupada com a formação de uma mão-de-obra afinada com este objetivo, a pedagogia vai encontrar acolhimento no interior de empresas, indústrias e demais organizações e, no contexto contemporâneo, procura acompanhar incessantemente a constante evolução do mundo do trabalho, colocando-se, enquanto “empresarial”, como pedagogia do capital. Dentro da ótica marxista o trabalho é a categoria fundamental. O ser humano é o único que vive entre duas esferas: o mundo natural e o artificial, do qual ele próprio é o construtor. Vejamos a definição que Marx (2012, p.211) ricamente emprega para o termo:

Antes de tudo o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica ao mesmo tempo, sua própria natureza.

O trabalho é para Marx uma atividade essencialmente humana, que distingue o homem dos outros animais e o define como ser histórico, social e cultural, que realiza suas atividades orientado por sua consciência, ou seja, o ato de pensar forma nele uma unidade com a ação, e a objetivação derivada da práxis forma o mundo humano, que é, por sua vez, unidade e diversidade, continuidade e descontinuidade com a natureza.

No contexto atual, marcado pela forma alienada do trabalho, ou seja, a forma social em que o trabalho se transforma em meio de vida para o trabalhador e meio de extrair mais-valia para o capital, busca-se profissionais com competências como a polivalência e iniciativa, que sejam empreendedores, atuantes e atualizados, priorizando uma formação de cunho prático e versátil. Então entra em cena pedagogias como a empresarial e a empreendedora.

Em virtude disso, para os defensores da pedagogia empresarial, esta se apresenta como um elo entre o desenvolvimento pessoal e as estratégias organizacionais. Lopes (2008, p.32) explica a pedagogia empresarial como:

um ramo da pedagogia que se ocupa em delinear frentes para que ocorra o desenvolvimento dos profissionais, como um diferencial entre as empresas. Ela procura favorecer uma aprendizagem significativa e o aperfeiçoamento do capital intelectual (produto da Pedagogia Empresarial) para o desenvolvimento de novas competências que atendam ao mercado de trabalho. Isso tudo aliado às competências dos profissionais da área administrativa e psicológica.

Segundo Ribeiro (2010) a pedagogia dentro da empresa constitui-se em uma recente área de atuação pedagógica, especialmente no Brasil. Esta surge da necessidade de formar/preparar mão de obra para atuação nas empresas, ou seja, como demanda interna e externa por melhor desempenho pessoal e profissional. Para Lopes (2008) a pedagogia empresarial, enquanto ciência ligada ao desenvolvimento de uma aprendizagem significativa, contribui para que as empresas desenvolvam esses seus grandes “diamantes” – o ser humano, os trabalhadores, nos seus aspectos intelectual, social e afetivo. Nesse sentido, também é interessante notar que os aspectos mencionados por essas pedagogias, são abordados de forma fragmentada, como se o ser humano fosse formado por aspectos justapostos, além de se apregoar um discurso ideológico sobre uma educação que parece dar conta da formação integral do ser humano.

Sobre a formação de pessoal para o desempenho de funções dentro das organizações pode-se afirmar de acordo com Ribeiro (2010, p. 61) que:

Os programas de formação de recursos humanos devem contemplar a Formação Básica (aquisição de conhecimentos e habilidades básicas que facilitam a vida funcional. Relevante para os funcionários operacionais e administrativos de menor qualificação); a Formação Geral (conhecimentos de questões ligadas à Administração Pública e ao desempenho de tarefas); a Formação Específica para o Cargo (conhecimentos e habilidades para o desempenho das funções inerentes ao cargo).

Como a educação, nesta perspectiva do capital, tem por função contribuir para o desenvolvimento econômico e social e a escola não era preparada para oferecer uma educação adequada à profissionalização dos indivíduos, o governo brasileiro, por meio de incentivos fiscais pela Lei 6297/75 apoiou as empresas para que as mesmas preparassem a mão de obra necessária para a indústria no seu próprio interior.

De acordo com Melo (2010), no Brasil a Confederação Nacional da Indústria – CNI, é um importante “intelectual coletivo” da burguesia industrial, e contempla em suas ações a educação, no sentido da formação de mão-de-obra qualificada para ser produtiva. A perspectiva do empresariado é de que a sociedade atual deve ser caracterizada como a “sociedade do conhecimento”, na qual o acesso à educação e à informação assume centralidade, mas não se trata da transmissão de conhecimentos científicos ou da aquisição do que vem sendo elaborado no decorrer de toda a história pela humanidade, mas de competências e habilidades básicas para o trabalho. O discurso educacional da CNI é eivado de ecletismo, de modo a construir um discurso sedutor, “[...] que encarne os anseios de toda a sociedade e não apenas de sua própria fração de classe burguesa” (MELO, 2010, p.12).

De acordo com Nichetti (s/d) os pedagogos enfrentam inúmeros desafios neste espaço, pois primeiro necessitam conhecer a filosofia da organização, com tudo o que esta engendra em sua dinâmica, já que não devem se contrapor aos seus valores, crenças,

política, princípios e sistemas gerenciais. E as empresas, por sua vez, percebem que se não reagirem aos desafios diários e não forem capazes de desenvolver competências tendem a ser “engolidas” pelo mercado. É assim, afirma a autora, que o indivíduo inapto às mudanças tende a ficar fora do mercado de trabalho, o que constitui uma clara manobra ideológica de culpabilização dos indivíduos frente a uma situação de crise sistêmica.

Para que a formação ocorra nos moldes propostos pela empresa é necessário que o responsável pelo processo de ensino-aprendizagem dentro da organização possua competências como as evidenciadas a seguir, por alguns autores defensores dessa pedagogia.

A atividade do pedagogo na empresa, afirmam os autores vinculados à pedagogia empresarial, é integrar o funcionário na organização, avaliar seu desempenho, estimular e motivá-lo a permanecer na empresa, com vistas a uma promoção, assim como capacitá-lo para um melhor desempenho da sua função atual.

Greco (2005), em consonância com o discurso da CNI, afirma ser necessário um aumento nos níveis de produtividade, qualidade e competitividade para que as empresas consigam sobreviver e se expandir e, com isso, o Brasil consiga ingressar na economia mundial, já que para os defensores dessa pedagogia, na sociedade do conhecimento o que controla a economia não é o capital, a propriedade ou a mão-de-obra, mas a capacidade e experiência dos indivíduos. A mesma autora afirma, neste sentido, que se quisermos uma nação competitiva, teremos que mudar o modo de entender e agir em relação à educação, superando as concepções tradicionais, conteudistas, e dirigir-se para uma educação pautada na iniciativa, na autonomia dos educandos, na criatividade, que não por acaso é também a perspectiva empresarial para a educação.

Duarte (2008, p.08), que vem criticando há décadas as pedagogias do “aprender a aprender”, afirma não discordar que a educação deve desenvolver no indivíduo “[...] a autonomia intelectual, a liberdade de pensamento e de expressão, a capacidade de iniciativa, de buscar por si só novos conhecimentos.” O que o autor evidencia em seus estudos é que as pedagogias do “aprender a aprender” estabelecem uma hierarquia valorativa, em que o aprender por conta própria consiste em um aprendizado mais elevado, desvalorizando o ensino e o papel do professor, bem como dos conteúdos clássicos historicamente acumulados. O autor se contrapõe a esse princípio e entende ser possível postular uma educação que fomente a autonomia intelectual e moral por meio da transmissão destes conhecimentos. Sobre o papel dos educadores, nesta realidade apregoada pelos autores que defendem a pedagogia do “aprender a aprender” o autor destaca que:

Aos educadores caberia conhecer a realidade social não para fazer a crítica a essa realidade e construir uma educação comprometida com as lutas por uma transformação social radical, mas sim para saber melhor quais competências a realidade social está exigindo dos indivíduos. (DUARTE, 2008, p. 12)

Parece evidente que é este o objetivo das pedagogias empresarial e empreendedora, ou seja, que o conhecimento adquirido dentro das empresas sejam úteis para a construção, nos casos específicos, das competências mais eficientes para a melhoria da produtividade. Trata-se, portanto, de uma corrente pragmática, que não consegue esconder seu objetivo maior: colaborar com a acumulação capitalista a partir da formação de um sujeito trabalhador mais eficiente e, logo, produtivo.

Ainda de acordo com mesmo autor, na perspectiva das pedagogias do “aprender a aprender”, na qual inserimos a pedagogia empresarial e empreendedora, preparar os

indivíduos para acompanhar as mudanças que acontecem rapidamente, nessa sociedade dinâmica, significa dotá-los de capacidade para atualizarem-se, já que os conhecimentos nesse ideário são tidos como provisórios e assim passíveis de superação a qualquer momento. Desta forma, desfaz-se o véu dos conhecimentos científicos frente aos conhecimentos cotidianos da produção, e estes últimos passam a ser mais importantes, ao mesmo tempo em que a teoria recua frente ao avanço do pragmatismo da formação para a produtividade.

Duarte (2008) afirma ainda que, embora estejamos vivendo uma nova fase do capitalismo, não significa que a essência dessa sociedade tenha se alterado de forma significativa, ou ainda, que estejamos vivendo em uma sociedade nova, que pudesse ser chamada de sociedade do conhecimento. Para o autor, a assim chamada “sociedade do conhecimento” não significa mais do que uma ideologia produzida pelo capitalismo.

Entretanto, no entendimento de Duarte (2008) quando uma ilusão como a que aqui foi anunciada assume importância na reprodução ideológica, deve merecer atenção por parte daqueles que buscam a superação desta sociedade, a fim de compreender o papel que uma ilusão desempenha, já que isso ajudará na criação de formas de intervenção organizada. É nesta linha que se concentra o presente artigo.

O autor aponta ainda que a função ideológica desempenhada pela crença na sociedade do conhecimento é a de enfraquecer as críticas radicais ao capitalismo e também enfraquecer a luta pela revolução radical do sistema capitalista, criando a crença de que esta luta teria sido superada pela preocupação com questões de maior interesse na atualidade, como a ética na política e na vida cotidiana pela defesa dos direitos do cidadão e do consumidor, pela consciência ecológica e pela diversidade. Por seu turno, à pedagogia empresarial apenas interessa a melhor formação do trabalhador dentro da “filosofia” da empresa. Mais pragmático impossível.

Por um lado se apregoa que o trabalhador deve ser passivo aos impasses a ele imposto pela organização que solicita a sua adaptação, e, por outro, espera deste trabalhador proatividade, com vistas à superação dos problemas que surgem nesse espaço laboral, já que todos os “colaboradores” da empresa devem atuar no sentido de minimizar os aspectos negativos, cooperando com a eficácia da organização.

Ao considerar a empresa como espaço essencialmente educativo, que se estrutura com um grupo que desempenha funções visando um objetivo específico, é papel da pedagogia empresarial, buscar estratégias e metodologias que garantam uma melhor aprendizagem funcional, que pode acontecer por meio da imitação, onde uns aprendem com os outros, através das dinâmicas de grupo ou outros meios, tendo como meta a realização dos objetivos previamente definidos. Sua finalidade principal é, portanto, segundo Ribeiro (2010, p.11) “[...] provocar mudanças no comportamento das pessoas de modo que estas melhorem tanto a qualidade do seu desempenho profissional quanto pessoal”.

3. PEDAGOGIA EMPREENDEDORA

O conceito empreendedorismo ganha fôlego no país na década de 90, primeiramente na empresa e, posteriormente, transportado para todas as áreas da atividade humana e aqui nos ateremos à educação. De acordo com Dolabela (1999) precursor dessa pedagogia no Brasil, todos nascem com a capacidade de empreender, entretanto, cabe à educação o desenvolvimento desse perfil nos alunos, já que não se trata de uma característica genética, mas adquirida. Por isso o autor argumenta que o empreendedorismo é de fundamental importância para a formação dos alunos em qualquer nível de escolaridade e, portanto, deveria fazer parte de todos os currículos, da Educação Infantil ao

Ensino Médio, pois prepara o aluno para a realidade do mercado, seja qual for a área por este escolhida.

O autor ainda afirma que a primeira matéria de empreendedorismo que se tem notícia a ser ministrada no Brasil foi em 1981, na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. Tratou-se de uma iniciativa do professor Ronald Degen, intitulada “Novos Negócios”. A disciplina pertencia ao curso de Especialização em Administração e, em 1984, foi estendida também para a graduação, com a denominação de “Criação de Novos Negócios – Formação de empreendedores.” Outra observação feita pelo autor é que o professor canadense Louis Jacques Filion está ligado à história do ensino de empreendedorismo no Brasil, tendo em vista que sua teoria, baseada em pesquisas realizadas com empreendedores, constitui em importante fundamento da metodologia de ensino utilizada por importantes instituições de ensino no país.

A proposta da pedagogia empreendedora baseia-se nos quatro pilares da educação preconizados no relatório organizado para UNESCO por Jacques Delors, quais sejam: o “aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a conviver e aprender a fazer” e agora com Dolabela “aprender a sonhar”.

O termo *empresender* tem origem francesa (*entrepreneur*) e é usado para designar um sujeito inovador, que assume incertezas, portanto, na visão dos autores do empreendedorismo, trata-se do indivíduo que quer se desenvolver. Além disso, a ideia é que os indivíduos possuem potencial e são capazes de modificar sua situação.

O empreendedorismo que se encontra em voga no âmbito educacional atual, em todos os níveis de escolaridade, o que implica em realizar um projeto, da concepção à concreção deste, e, portanto, o sujeito empreendedor deve apresentar determinadas habilidades e competências para criar e gerir um projeto próprio gerando resultados positivos. Por isso, empreendedores são aqueles que criam algo novo, diferente, que são consonantes com a mudança e a transformação. Para Dornelas (2003, p. 35):

Empreendedorismo significa fazer algo novo. Diferente, mudar a situação atual e buscar de forma incessante, novas oportunidades de negócio, tendo como foco a inovação e a criação de valor. As definições para empreendedorismo são várias, mas sua essência se resume em fazer diferente, empregar os recursos disponíveis de forma criativa, assumir riscos calculados, buscar oportunidades e inovar.

De acordo com Franzini, Sela e Sela (2006), o conceito de empreendedorismo está crescendo mundialmente e as discussões acadêmicas e econômicas sobre o assunto são frutos de estudos realizados em vários países, que confirmam a influência da cultura empreendedora para o desenvolvimento econômico de uma região. Segundo os mesmos, quanto mais empreendedores em uma sociedade, maiores são as chances de desenvolvimento local.

Sales e Neto (2006) por sua vez relatam que no contexto brasileiro, o empreendedorismo dá-se principalmente por necessidade, ou seja, os empreendedores iniciaram suas atividades em face da dificuldade de obter emprego regular no mercado. Assim, ser empreendedor é quase uma ordem para manter-se com sucesso no mercado. Aqui mais uma vez, percebemos como o próprio indivíduo é responsabilizado pela sua inserção no mercado, sem considerar nada além da própria busca individual para manter-se empregável ou ter capacidade para dar conta do seu futuro por meio do próprio negócio.

A introdução de disciplinas de empreendedorismo na educação, de acordo com os autores Franzini, Sela e Sela (2006), possui um caráter “revolucionário” por apresentarem uma quebra de paradigmas na tradição didática, uma vez que aborda o saber como

consequência dos atributos do ser. Os pilares sob quais se assenta a pedagogia empreendedora são a formação de atitudes e aquisição de habilidades pautadas no “aprender a aprender”. Nesse sentido as metodologias tradicionais de ensino vão sendo suprimidas por novas formas que priorizem a inovação.

O discurso ainda consiste em que se a educação empreendedora não acontecer de fato, grandes parcelas da população poderão ser excluídas do processo de geração de rendas, bem como de usufruir das riquezas. A preocupação, afirmam os autores, é com o aumento da capacidade de gerar capital social e humano. Cielo (2006) ainda destaca que os indivíduos podem aprender a ser empreendedores, já que aprendem a ser empregados.

No Brasil a pedagogia empreendedora como metodologia de ensino que visa formar empreendedores já em idade precoce é uma criação de Fernando Dolabela. Em muitas de suas obras (1999; 1999 e 2004) o autor fala da transformação dos sonhos em realidade e considera empreendedor aquele que sonha e luta para tornar concretamente viável seus sonhos. O autor ainda destaca a importância que os empreendimentos têm para o desenvolvimento de uma comunidade, no sentido do desenvolvimento econômico e social de forma sustentável.

A metodologia visa atingir crianças e adolescentes de toda a educação básica, através da “Teoria Empreendedora dos Sonhos”. De acordo com Franzini, Sela e Sela (2006) isso é desencadeado nos indivíduos através da conscientização de que cada um tem direito de sonhar e a capacidade de buscar a realização deste sonho. Portanto, afirmam, o primeiro passo seria desenvolver o sonho e depois a busca para torná-lo concreto e, para isso, o aluno necessita buscar o conhecimento que seja capaz de instrumentá-lo para atingir seu objetivo. Nesse sentido uma ação complementa a outra e compõe o eixo do auto-aprendizado.

O ensino pautado neste método não se realiza pela transmissão de conhecimento, mas pela indução à prática, com ênfase no auto-aprendizado. A ação do professor consiste mais em incentivar o aluno na construção do seu conhecimento e não de ensinar ou transferir conhecimento.

O documento do SEBRAE (2008, p.1), na mesma linha, traz o seguinte comentário a respeito do indivíduo que empreende como sendo: “Uma pessoa que gera, acumula e distribui riqueza a partir de um sonho, ideal ou necessidade de sobrevivência”.

Dornelas (2003, p.35) explicita ainda o empreendedorismo como um fazer inovador e transformador da situação atual, busca incessante de novas oportunidades de negócio, tendo como foco a criação de valor. Ainda segundo o autor o termo possui vários significados, mas na essência se resume em fazer algo diferente, empregar os recursos disponíveis de forma criativa, assumir riscos calculados e ainda buscar oportunidades e inovar.

Para Dolabela (1999) o empreendedorismo deveria fazer parte de todos os currículos, como um processo de formação de atitudes e características e não como uma forma de transmissão de conhecimentos, pois prepara o aluno para a realidade e não importa qual será a profissão que este vai seguir. Para tal, Dolabela (1999, p. 41) diz que:

temos agora a obrigação de educar nossas crianças e jovens dentro de valores como autonomia, independência, capacidade de gerar o próprio emprego, de inovar e gerar riqueza, capacidade de assumir riscos e crescer em ambientes instáveis, porque, diante das condições reais do ambiente, são esses os valores sociais capazes de conduzir países ao desenvolvimento.

Em consonância com essas ideias - das quais buscamos trazer à tona suas contradições, na preocupação de cooperar para a superação do que tal discurso ideológico busca impetrar nos indivíduos – todas as forças sociais devem contribuir para a efetivação de um ambiente empreendedor, e a escola não deve ficar alheia a isso, embora represente apenas um desses segmentos. Deve agir em colaboração com o meio econômico e empresarial, preparando pessoas para agir e pensar por conta própria, para inovar e ocupar o seu lugar no mercado de maneira emotiva e prazerosa. Segundo pesquisadores e especialistas da área, a cultura empreendedora será a grande revolução do século XXI, o que é corroborado por Dolabela (1999, p.200-201):

É o início de uma revolução [...] o ensino de empreendedorismo. Fazer com que todo o curso, do primário à pós-graduação, exista sempre um conteúdo sobre a iniciativa, a independência, a criatividade, o conhecimento do mercado e de suas necessidades. Mudar a visão dos cursos. (...). Estudantes de todos os cursos precisam saber empreender e não se ater aos conhecimentos específicos de sua área. A capacidade de criar algo só se aprende na ação e quando se tem um perfil para isso.

O empreendedorismo transforma-se, assim, na inusitada revolução social que deverá ocorrer no século XXI, comparável aos efeitos da revolução industrial ocorrida no século passado. Essa transformação que surgiu há vinte anos nos Estados Unidos, visando estimular a criação de empresas de sucesso, bem como, procurando diminuir os riscos inerentes aos processos de inovação, agora aparece como a panaceia que poderá mudar o cenário social.

Assim é que os autores embasados nessa pedagogia propõe uma nova metodologia de aula, onde o “aprender a aprender” esteja sempre presente, como condição essencial de garantia de aquisição de um perfil empreendedor por parte dos alunos, o que é reportado na maioria das obras que tratam do tema.

De acordo com Dornelas (2003) o papel do empreendedor sempre foi fundamental na sociedade, mas está se intensificando cada vez mais devido à evolução tecnológica, que requer um número maior de pessoas que se encaixem nesse perfil.

Contrapondo-se ao marxismo e à proposta de uma nova sociedade onde haja socialização dos meios de produção e de todas as outras formas de posse, como, por exemplo, de uma educação que realmente proporcione o acesso ao conhecimento elaborado, pressupostos em que nos fundamentamos e compartilhamos, Drucker afirma que:

“revolução” é uma ilusão, a ilusão difusa do século XIX, mas hoje talvez a mais desacreditada de seus mitos. Sabemos agora que “revolução” não é realização e o novo amanhecer. Ela resulta de decadência senil da falência de ideias e instituições, do fracasso da auto-renovação. E, no entanto, também sabemos que teorias, valores e todos os artefatos de mentes humanas e de mãos humanas realmente envelhecem e rigidificam, tornando-se obsoletos, tornando-se “angústias” (Drucker, 2005, pp. 348, 349)

Diante da exposição do autor pode-se ainda concluir que a revolução esperada ou mesmo prevista por aqueles que querem apenas a reprodução desse sistema, está atrelada ao modo capitalista de produção, portanto, enfatiza que a mudança que deve ocorrer no modo de produção nada tem a ver com o advento de outra organização social, ou seja, é a expressão clara do da negação do marxismo, já que a perspectiva marxiana de

educação, com a qual estamos de acordo, se contrapõe radicalmente aos interesses da burguesia. É também, por suposto, a negação da mudança do modelo social, pautado na propriedade privada. É, portanto, a negação de que seja possível uma sociabilidade cooperativa e não competitiva, uma sociabilidade em que todos possam se responsabilizar por todos, e não em que cada um deve ser responsável por si, numa corrida darwinista por um lugar ao sol do mercado.

De acordo com Dornelas (2003) o momento atual pode ser chamado de era do empreendedorismo, pois os empreendedores atuam em favor da globalização, criam novas relações de trabalho e definem novos empregos gerando riqueza para a sociedade, sendo o momento atual propício para o surgimento de cada vez maior de empreendedores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tem a intenção de sistematizar algumas críticas às chamadas pedagogia empresarial e empreendedora, entendendo seus elementos comuns e ressaltando a especificidade de cada uma delas. De modo geral estas pedagogias apelam para um discurso de senso comum, pouco preocupando-se com uma discussão teórica sobre educação, discussão esta que focasse no elemento central a que esta deve se dobrar: a realidade social.

A pedagogia empresarial, como vimos, não passa de um estágio pré-corporativo, ou seja, um discurso que, ao intentar delinear o possível papel dos pedagogos nas empresas, ou abstrai a realidade das empresas ou abstrai a real dinâmica do mercado, que cada vez mais é alheia a regulamentações e reservas. Isso por um lado. Por outro lado, o que se vê nestes textos é uma entrega total dos serviços pedagógicos para os desígnios do capital, nada mais que um auxiliar, desprezível ademais, no processo de acumulação. Neste caso, caberia ao pedagogo na empresa ser uma espécie de mediador entre os trabalhadores e a “filosofia” da empresa, ou seja, a necessidade de formação específica para a produção.

Já a pedagogia empreendedora parte de outros princípios, embora tenha como base uma leitura da realidade que, a nosso juízo, comete os mesmos equívocos apontados anteriormente, quais sejam, uma leitura que abstrai a realidade e que submete a Pedagogia aos ditames do processo de acumulação do capital. Leitura esta que, no caso específico, não alude à realidade do mercado de trabalho e da impossibilidade de que, sob o capitalismo, todos possam ser beneficiados por este mercado, ou, em outras palavras, esconde o fato de que é da “natureza” da lógica do capital a exclusão do mercado de milhões de trabalhadores.

O empreendedorismo é parte da ideologia capitalista que, sob o período neoliberal, aponta como central a liberdade e a culpabilização individual pelos sucessos e/ou fracassos na vida e no mercado, e, portanto, pela produção da vida. No caso da pedagogia empreendedora, trata-se, não mais, que investir na geração de pessoas que tenham como horizonte que a sua iniciativa pode mudar sua vida, e que são os sonhos que temos que dão força para que isso se realize. Desde a infância a proposta é inculcar o empreendedorismo, para que as novas gerações saibam se localizar e melhor se adaptar à sociedade em constante mudança e cada vez mais competitiva. Ou seja, trata-se de formar pessoas que possam “realizar seus sonhos” de ter uma vida independente de chefes, com seu próprio negócio.

Outra característica desta pedagogia é a imputação ao empreendedor como sujeito social diferenciador, aquele que impulsiona a sociedade, que cria valores, que gera riquezas, que move a economia, enfim. São os empreendedores, nesta concepção, as molas da nova sociedade, assim como foram até agora no desenvolvimento do capitalismo. Esta

referência ao elemento diferenciador, mais uma vez, faz tábula rasa de um elemento fundamental: a geração de riqueza é social, e são os trabalhadores, em sociedade, que a geram. E mais, nega o fato de que a geração de riquezas não se dá na mesma medida de sua socialização, que, ao contrário, é privatizada.

Mas, em geral, o que implica a crítica a estas duas correntes específicas que se autodenominam “pedagogias”? Em primeiro há um elemento específico, que é o fato de que, ambas, estão localizadas no universo do mundo do trabalho, e, portanto, suas “criações” se relacionam com este campo da realidade. A necessidade da crítica, neste caso, é pela tentativa de desmascarar uma concepção do trabalho sob o capitalismo que prescinde da análise do real; que, em seu lugar, cria um mundo à parte, sem a necessidade de referenciar as suas ideias defrontando-as com a realidade do trabalho sob o capitalismo, até porque, caso fizessem isso, seria impossível manter de pé o edifício frágil de suas produções. Portanto, uma questão específica é combater as pedagogias que, ao se aproximarem do mundo do trabalho, produzem explicações ideológicas e distorcidas do real, e, com isso, auxiliando na reprodução deste real.

Duas questões de ordem geral, no entanto, impulsionam esta crítica sumariamente realizada. A primeira é a crítica às pedagogias privatizantes, ou seja, aquelas que produzem no sentido de submeter o campo pedagógico, e a educação em geral, ao projeto do capital. Ao fazerem isso submetem todo o projeto educativo à lógica do capital, e, com isso, não fazem mais que reforçar uma formação alienada e subserviente. Não existe possibilidade de transformação para estas pedagogias, e a educação não é mais que adaptação à realidade.

A segunda questão é que tais ideais, por serem apresentadas de forma cativante, o que é próprio dos discursos de auto-ajuda, têm conquistado corações e mentes de pedagogos e educadores em geral, além de ocupar espaços em universidades, em currículos de graduação e cursos de especialização e até mestrados e doutorados. Desta forma, trata-se de uma crítica ao campo destas pedagogias, que pelas características assinaladas ao longo do texto, tendem a reduzir o campo pedagógico ao pragmatismo do mercado, e a formação a mero adestramento.

Referências

CIELO, Ivanete Daga. **Perfil empreendedor**: uma investigação das características empreendedoras nas empresas de pequena dimensão. In: PREVIDELLI, José; SELA, Vilma Meurer (orgs). **Empreendedorismo e educação empreendedora**. Maringá: Unicorpore, 2006.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Editora de Cultura, 1999.

_____. **O segredo de Luísa**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2006.

_____. **A ponte mágica**: como Luísa, aos 11 anos cria sua primeira empresa para realizar seu sonho. São Paulo: Mirian Paglia Editora de Cultura, 2004.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo corporativo**: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship):** prática e princípios. Tradução de Carlos Malferrari. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2005.

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?:** quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas: Autores Associados, 2008.

_____. **Vigotski e o aprender a aprender:** crítica as apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2006.

FRANZINI, Daniela Quaglia, SELA, Vilma Meurer e SELA, Francis Ernesto Ramos. **Ensino de empreendedorismo na Educação Básica:** Estudo da metodologia “Pedagogia empreendedora” de Fernando Dolabela. In: PREVIDELLI, José; SELA, Vilma Meurer (orgs). **Empreendedorismo e educação empreendedora.** Maringá: Unicorpore, 2006.

GRECO, Myrian Glória. O pedagogo empresarial. **Pedagogia em foco.** Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/jovens_01.html> acesso em: 09 de maio de 2003.

HOLTZ, Maria Luiza M. **Lições de pedagogia empresarial.** MH Assessoria Empresarial Ltda., Sorocaba SP. Disponível em<http://www.mh.etc.br/documentos/licoes_de_pedagogia_empresarial.pdf>.

KLEIN, Lígia Regina. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?** 5.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LOPES, Izolda (org.). **Pedagogia empresarial:** formas e contexto de atuação. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política: livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MELO, Alessandro de. **O projeto pedagógico da Confederação Nacional da Indústria para a educação básica nos anos 2000.** 2010. 268 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

NICHETTI, Maria Aparecida de Oliveira. Pedagogia Empresarial: tendências e perspectivas de atuação do pedagogo e transformação social. **Anais...** I Congresso de Educação UNIPAN Desafio da Formação Humana, 2008.

PREVIDELLI, José; SELA, Vilma Meurer (orgs). **Empreendedorismo e educação empreendedora.** Maringá: Unicorpore, 2006.

RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. **Pedagogia empresarial:** atuação do pedagogo na empresa. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

ROSSLER, João Henrique. **Sedução e alienação no discurso construtivista.** Campinas: Autores Associados, 2006

SALES, Alessandro Heleno Lima e NETO, Silvestre Prado de Souza. Empreendedorismo nas micro e pequenas empresas brasileiras. In: PREVIDELLI, José; SELA, Vilma Meurer (orgs). **Empreendedorismo e educação empreendedora**. Maringá: Unicorpore, 2006.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS; DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO ECONOMICOS. Anuário do Trabalho e Pequena Empresa. 2 ed. Brasília: DIESSE, 2008.

SCHUMPETER. Joseph Alois Schumpeter. **Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. Berlim: Nova Cultural, 1997.

ⁱ Professor Orientador. Dr. em Educação. PPGE/UFPR.

E-mail: alessandrodemelo 2006 @hotmail.com

ⁱⁱ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Linha de pesquisa: Trabalho, Tecnologia e Educação. E-mail: luciani.wolf @yahoo.com.br